

ESTA ANEDOTA INFAME aconteceu precisamente naquela época em que teve início, com tão irremediável força e com ímpeto tão comovidamente ingênuo, a regeneração da nossa querida pátria e a aspiração de todos os seus valorosos filhos a novos destinos e esperanças. Então, certo inverno, em uma noite fria e clara, aliás, já passando das onze, três homens extraordinariamente respeitáveis estavam sentados em um confortável aposento decorado, até com luxo, em uma bela casa de dois andares na Peterbúrgskaia*, e ocupavam-se de uma conversa sólida e excelente sobre um tema muito curioso. Esses três homens portavam o grau de general. Achavam-se em volta de uma mesinha, cada um em uma poltrona bela e macia, e em meio à conversação bebericavam silenciosa e confortavelmente um champanhe. A garrafa permanecia nessa mesma mesinha em um balde de prata com gelo. O caso é que o anfitrião, o conselheiro privado** Stiepan Nikíforovitch Nikíforov, um velho solteirão de sessenta e cinco anos, comemorava a mudança para a recém-comprada casa e, aproveitando a ocasião, também o dia de seu

* *Peterbúrgskaia storoná*: a parte mais antiga de São Petersburgo, muito distante do centro. (N.T.)

** Título civil de 3a classe do sistema de graus e privilégios em vigor na Rússia de 1722 a 1917. Um conselheiro privado também podia ser chamado pelo título militar de classe correspondente, ou seja, general. (N.T.)

aniversário, que caíra na mesma época, e que ele até agora nunca havia comemorado. Aliás, a comemoração não era grande coisa; como já vimos, havia apenas dois convidados, ambos antigos colegas de serviço do sr. Nikíforov e seus antigos subordinados, a saber: o conselheiro civil efetivo* Simión Ivánovitch Chipuliénko e, o outro, o também conselheiro civil efetivo Ivan Ilítch Pralínski. Eles chegaram às nove horas, tomaram chá, passaram depois para o vinho e sabiam que exatamente às onze e meia precisariam ir embora para casa. O anfitrião sempre amara a regularidade. Um pouco sobre ele: começou a carreira como um pequeno funcionário público sem posses, carregou o fardo calmamente por quarenta e cinco anos seguidos, sabia muito bem até onde chegaria no serviço público, não suportava que ainda houvesse estrelas no céu a agarrar, apesar de já ter duas delas**, e não gostava sobretudo de fazer qualquer comentário sobre suas opiniões pessoais. Ele era um homem honrado, quer dizer, não lhe ocorrera fazer qualquer coisa que fosse particularmente desonesta; era solteiro, pois era egoísta; estava longe de ser estúpido, mas não suportava revelar a própria inteligência; sobretudo não gostava do desmazelo e do entusiasmo, considerando este um desmazelo de ordem moral, e ao final de sua vida afundara-se

* *Título civil de 4ª classe. Inferior ao título de Conselheiro Privado, um conselheiro civil efetivo podia ser chamado pelo título militar de igual classe, ou seja, general. (N.T.)

** * Condecorações recebidas durante a carreira. (N.T.)

por completo em uma espécie de conforto suave, ocioso, e em uma solidão sistemática. Apesar de visitar às vezes a casa de gente da melhor estirpe, desde a juventude já não suportava receber pessoas em sua casa e, nos últimos tempos, se não estivesse jogando *grand-patience*, contentava-se com a companhia de seu relógio de mesa e durante a noite toda escutava de modo imperturbável, cochilando na poltrona, o tique-taque da redoma de vidro sobre a lareira. Na aparência, ele era excessivamente decente e barbeado, parecia anos mais jovem, era bem conservado, prometia viver ainda por muito tempo e comportava-se com o mais rigoroso cavalheirismo. Seu cargo era bastante confortável: participava de alguma reunião por aí e assinava alguma coisa. Em suma, consideravam-no o mais magnífico homem. Ele tinha uma única paixão ou, melhor dizendo, um único desejo ardente: ter sua própria casa, e não uma casa apenas sólida, mas precisamente uma casa da fidalguia. O desejo enfim se realizou: ele escolheu e comprou uma casa na Peterbúrgskaia, longe, é verdade, mas uma casa com um jardim e, ainda por cima, uma casa elegante. O novo proprietário raciocinava que quanto mais longe melhor: ele não gostava de receber e, para visitar alguém ou ir ao trabalho, tinha uma excelente carruagem de cor chocolate com dois lugares, o cocheiro Mikhail e dois pequenos, mas fortes e belos, cavalos. Tudo foi adquirido em quarenta anos de esforços de uma vagarosa economia, portanto o

coração se regozijava. Eis por que, tendo comprado a casa e se transferido para ela, Stiepan Nikíforovitch experimentou em seu calmo coração tamanha satisfação que até chamou convidados para seu aniversário, que ele antes cuidadosamente escondia dos conhecidos mais próximos. Tinha até intenções especiais para um dos visitantes. Ele mesmo ocupava o andar de cima da casa, ao passo que o de baixo, construído e instalado exatamente como aquele, precisava de um inquilino. Stiepan Nikíforovitch estava contando com Simión Ivánovitch Chipuliénko e naquela noite até conduzia a conversa duas vezes para aquele tema. Mas Simión Ivánovitch esquivava-se do assunto. Este era também um homem que durante muito tempo e com dificuldade se esforçara para fazer seu próprio caminho, com cabelos e suíças negros, e com um permanente matiz bilioso em sua fisionomia. Era casado, um homem caseiro carrancudo, mantinha a família sob seu jugo, trabalhava com orgulho no serviço público, também sabia exatamente até onde iria chegar e, ainda melhor, aonde nunca chegaria: ocupava um cargo bom e ocupava com todo o empenho. Embora não sem amargura, assistia ao surgimento das novas reformas*, mas sobretudo não se alarmava: ele estava muito seguro de si e, com uma maldade zombeteira, escutava Ivan Ilítch Pralínski discorrer sobre

* Reformas radicais da década de 1860, conhecida como uma grande era de reformas na Rússia; incluíam a emancipação dos servos. (N.T.)

os novos temas. Aliás, todos eles de certa forma haviam bebido um pouco além da conta, portanto até o próprio Stiepan Nikíforovitch deixou-se levar pelo sr. Pralínski e entrou com ele em uma rápida discussão sobre as novas reformas. Ainda algumas palavras sobre Sua Excelência sr. Pralínski, tanto mais porque ele é o herói da narrativa que está por vir.

O conselheiro civil efetivo Ivan Ilítch Pralínski, chamado havia apenas quatro meses de Sua Excelência, era, numa palavra, um jovem general. Ainda jovem na idade, pelo visto não mais que quarenta e três anos, parecia na fisionomia até mais jovem e gostava de parecê-lo. Era um homem bonito, de estatura elevada, ostentava um traje e uma solidez requintados, carregava com grande maestria uma condecoração importante no pescoço, sabia desde a infância assimilar alguns hábitos aristocráticos e, sendo um homem solteiro, sonhava com uma noiva rica e até mesmo aristocrática. Ele ainda sonhava com muita coisa, embora estivesse longe de ser um tolo. Por vezes era um grande tagarela e até apreciava adotar atitudes parlamentares. Provinha de uma boa família, era filho de general e um boa-vida, na tenra infância andava de veludo e cambraia, recebeu educação em uma instituição aristocrática e, embora não tenha tirado dela grande conhecimento, obteve êxito no serviço público e alcançou o posto de general. Os superiores consideravam-no um homem capaz e até depositavam nele algumas

esperanças. Stiepan Nikíforovitch, sob cujo comando esteve durante toda sua carreira no serviço público até quase o momento em que se tornou general, nunca o considerou um homem muito experiente e nunca depositou nele esperanças de qualquer tipo. Mas lhe agradava o fato de ele vir de uma boa família, ter uma fortuna, ou seja, uma grande propriedade importante com administrador, ser parente de pessoas nada desimportantes e, além disso, gozar de um bom aspecto. No íntimo Stiepan Nikíforovitch blasfemava-o pelo excesso de imaginação e leviandade. O próprio Ivan Ilítch sentia às vezes que tinha amor-próprio em demasia e que era até melindroso. Coisa estranha: por vezes apoderavam-se dele acessos de um escrúpulo doentio e até um leve arrependimento por alguma coisa. Com amargura e com uma misteriosa farpa na alma, dava-se conta às vezes de que não voava tão alto quanto lhe parecia, em absoluto. Nesses minutos chegava a cair em uma espécie de desânimo, sobretudo quando lhe atacavam as hemorroidas, então chamava sua própria vida de *une existence manquée**, deixava de acreditar, evidentemente em seu íntimo, até em suas aptidões parlamentares, chamando a si mesmo de *parleur, fraseur*** , e, apesar de tudo isso, é claro, dizer muito sobre sua honra, de forma alguma o impedia de, em meia hora, levantar novamente a cabeça e de modo tão mais obstinado, tão mais insolente,

* Uma existência malograda. Em francês no original. (N.T.)

** Falador, fanfarrão. (N.T.)

animar-se e convencer-se de que ainda conseguiria se distinguir, e não apenas se tornando um dignitário, mas até um estadista, de quem por muito tempo a Rússia se recordaria. Às vezes entrevia até monumentos. A partir disso, é evidente que Ivan Ilítch pensava alto, embora, até com certo horror, escondesse profundamente no íntimo suas esperanças e seus sonhos vagos. Em suma, era um bom homem e até um poeta na alma. Nos últimos anos os minutos doentios de desilusão começaram a tomar conta dele com mais frequência. Tornou-se não se sabe como particularmente irritadiço, desconfiado, disposto a considerar qualquer objeção como um ultraje pessoal. Mas, ao renovar-se, a Rússia ofereceu-lhe de súbito grandes esperanças. A promoção ao grau de general veio a completá-las. Ele levantou a cabeça, recobrou o ânimo. De repente começou a falar muito e com eloquência, a falar sobre os mais novos temas, que assimilou de modo inesperado e extraordinariamente rápido, ao ponto do arrebatamento. Buscava oportunidades para falar, viajava pela cidade e em muitos lugares ganhou a fama de liberal arrojado, coisa que muito o lisonjeava. Naquela noite, tendo bebido quatro taças, sentia-se especialmente à vontade. E quis convencer Stiepan Nikíforovitch, a quem antes disso não via há muito e a quem até então sempre respeitara e até escutara, a mudar de opinião sobre tudo. Por alguma razão, julgava-o um retrógrado e lançou-se sobre ele com um entusiasmo extraordinário. Stiepan Nikíforovitch

quase não retrucava, apenas escutava maliciosamente, embora o tema o interessasse. Ivan Ilítch excitava-se e, no calor da discussão imaginária, degustava sua taça de bebida com mais frequência do que deveria. Então Stiepan Nikíforovitch tomava a garrafa e de imediato enchia a sua taça, o que, não se sabe a razão, passou subitamente a ofender Ivan Ilítch, tanto mais que Simión Ivánitch* Chipuliénko, a quem ele de modo particular desprezava e, acima de tudo, até temia por seu cinismo e sua malícia, permanecia de lado traiçoeiramente calado e sorria com mais frequência do que deveria. “Eles, ao que parece, me tomam por um garotinho”, passou pela mente de Ivan Ilítch.

– Não, senhor, é hora, já era hora faz tempo – continuou ele com paixão –, demoramos demais, senhor, e, a meu ver, a humanidade vem em primeiro lugar, a humanidade para com os subordinados, lembrando que eles são, sim, pessoas. A humanidade a tudo salva e a tudo resgata...

– Hi, hi, hi, hi! – pareceu ouvir-se do lado de Simión Ivánovitch.

– Ora, então, por que é que está ralhando tanto conosco? – replicou por fim Stiepan Nikíforovitch, sorrindo amavelmente. – Confesso, Ivan Ilítch, que até agora não consegui entender o que deseja explicar. O senhor prega a humanidade. Será que não quer dizer humanitarismo?

– Ora, que seja humanitarismo. Eu...

* Ivánitch: contração do patronímico Ivánovitch. Esse tipo de contração é bastante comum no discurso coloquial. (N.T.)